

# DEUSA D'ÁFRICA: UMA VOZ FEMINISTA AFRO-MOÇAMBICANA

## DEUSA D'ÁFRICA AN AFRO-MOZAMBICAN FEMINIST VOICE

*Sávio Roberto Fonseca de Freitas<sup>1</sup>*

---

### RESUMO

O objetivo deste estudo é apresentar a poesia da escritora moçambicana Deusa D'África e mostrar como seus poemas se inserem no *continuum* projeto de moçambicanidade a partir de um discurso que se organiza no feminino no sentido de territorializar uma produção literária de autoria feminina que, do centro de Moçambique, ecoa ao ritmo do *xitende* e dissemina um feminismo afro-moçambicano cuja agenda de discussão se volta para a condição da mulher. Para a discussão e análise dos poemas “Hoje apetece-me”, “Lágrimas de açúcar” e “A voz das minhas entranhas”, apoiamos-nos nos posicionamentos de Chimamanda Adchie (2015), de Djamilia Ribeiro (2017), Heloísa Buarque de Hollanda (2018), de Judith Butler (2017), Paulina Chiziane (2013) entre outras referências.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia, Autoria Feminina, Feminismo Afro-Moçambicano.

### ABSTRACT

The objective of this study is to present the poetry of the Mozambican writer Deusa D'África and show how her poems are inserted in the *continuum* project of Mozambicanity from a discourse that is organized in the feminine in the sense of territorializing a literary production of female authorship center of Mozambique, echoes to the rhythm of the *xitende* and suppresses an Afro-Mozambican feminism whose discussion agenda turns to the condition of women. For the discussion and analysis of the poems Today I feel like, Tears of sugar and The voice of my entrails, we rely on the positions of Chimamanda Adchie (2015), Djamilia Ribeiro (2017), Heloísa Buarque de Hollanda (2018), de Judith Butler (2017), Paulina Chiziane (2013) among other references.

KEYWORDS: Poetry, Feminine Authorship, Afro-Mozambican Feminism.

## PRIMEIRAS COLOCAÇÕES

A literatura moçambicana de autoria feminina não mais se concentra em uma produção isolada e acanhada como nos tempos das lutas de libertação e da guerra civil, quando as mulheres eram muito mais invisíveis e violadas das mais diversas formas pelos colonizadores e pelo machismo moçambicano. O machismo não acabou e ainda é um problema para as mulheres, mas agora elas reconhecem um território de resistência chamado Literatura de Autoria Feminina. Vozes como a de Noémia de Sousa, Clotilde Silva, Glória de Sant'Anna, Lina Magaia, Lilia Momplé ecoam e ressignificam a produção de mulheres como Rinkel, Sónia Sultuane, Tania Tomé, Lica Sebastião, Fátima Langa, Mel Matsinhe, Deusa D'África, Enia Lipanga entre outras, o que comprova a fertilidade literária de um país ainda tão carente em relação à socialização humanitária do conhecimento.

O nosso estudo se concentra na produção literária da jovem escritora moçambicana Deusa D'África, uma voz feminista que, ao ritmo do xitende,<sup>2</sup> faz ecoar uma poesia reivindicadora de um lugar de fala por muito tempo negado às mulheres que não são territorializadas no lado sul moçambicano. Uma voz que vem se somar à roda da literatura feita por mulheres em um país cujo machismo é incompatível com a dimensão poética da agenda social de escritoras que fazem da literatura e da arte um movimento de compreensão coletiva e humanitária. Movida pelas águas do Índico, Deusa se insere na quarta onda do feminismo, a qual é categorizada por Heloisa Buarque de Hollanda (2018, p.11) como um movimento ativista que sai das universidades e invade as ruas e as redes sociais, propagando discussões que se voltam para o surgimento de novos feminismos: os feminismos da diferença, os feminismos na poesia, nas artes, na música, no teatro, no cinema, nas escolas, nas faculdades e em vários territórios dominados pelas mulheres. A quarta onda feminista vem repensar os lugares de fala e analisar o nós da coletividade. O nós feminista é sempre e somente uma construção fantasística, que tem seus propósitos, mas que nega a complexidade e a indeterminação internas do termo, e só se constitui por meio da exclusão de parte da clientela, que simultaneamente busca representar. (BUTLER, 2017, p. 245)

Se pensarmos esta construção fantasística sinalizada por Judith Butler (2017, p. 245), vamos perceber que a agenda feminista da contemporaneidade não mais tolera a colonização de raça, classe e gênero; o feminino e o masculino não mais são absorvidos pela ideia eurocentrada de homem e mulher, muito pelo contrário, os essencialismos foram substituídos por posicionamentos sociais no feminino e no masculino. A discussão de raça e classe não é mais biológica e sim social. A voz das mulheres vem se aliar a um coletivo de pensamentos transformados em discursos metamórficos que consolidam grupos até então invisíveis ao universalismo humanitário tão necessário aos tempos modernos. Grupos de mulheres categorizados como ninguém hoje são visíveis a olho nu:

Há pessoas que dizem que o importante é a causa, ou uma possível “voz de ninguém”, como se não fôssemos corporificados, marcados e deslegitimados [...] Mas, comumente, só fala na voz de ninguém quem sempre teve voz e nunca precisou reivindicar sua humanidade. (RIBEIRO, 2017, p. 90, grifos da autora)

Para completar as colocações de Djamila Ribeiro (2017, p. 90), podemos afirmar que a voz das mulheres privilegiadas do feminismo da terceira onda deu espaço para o grito das mulheres invisíveis, uma vez que os temas discutidos por mulheres africanas, negras, indígenas, trans, lésbicas, entre outras, extrapolam o discurso bem comportado e eurocentrado de agendas feministas anteriores. O feminismo da quarta onda vem problematizar temas como consciência, direito ao trabalho, sexualidades, privilégios de classe, racismos, força, respeito, maternidade política e espiritualidade.

Navegando nessa quarta onda do feminismo, a escritora Deusa d'África faz da arte um modo de ver o mundo a partir de um feminismo afro-moçambicano que se agrega ao *continuum* exercício da moçambicanidade, um projeto político de reconhecimento identitário iniciado pela poesia combate de José Craveirinha e de Noémia de Sousa, os pais dos poetas moçambicanos, como bem pontua Severino Elias Ngoenha (1998, p. 17-34). Paulina Chiziane defende que o mundo das mulheres sempre foi de luta e resistência:

Ainda hoje a sociedade moderna considera os artistas como seus membros marginais. Ser mulher e ser artista torna-se um verdadeiro escândalo. Escândalo que tive que arriscar e suportar. Nesta sociedade a mulher só pode falar de amor e sexo com outras mulheres e também em segredo. Falar em voz alta é tabu, é imoral, é feio. (CHIZIANE, 2013, p. 12)

O testemunho acima, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, corrobora com a ideia de que as escritoras territorializam o discurso da mulher em textos literários de autoria feminina, atitude estética e ideológica ainda muito marginalizada em países onde predomina o machismo patriarcal endossado pela colonização portuguesa, principalmente quando o cânone literário é, em sua maioria, composto por homens. Logo as escritoras possuem um duplo desafio: enfrentar o patriarcado por meio de um ativismo político que dê visibilidade à produção artística das mulheres e territorializar o discurso das mulheres por meio de um feminismo literário que possibilite a visibilidade de escritoras invisíveis ao cânone literário machista.

Os temas discutidos pelas mulheres atingem diretamente o modo masculino de escrita, uma vez que há declaradamente, por parte das mulheres, uma insatisfação sobre o *modus operandi* masculino de representação artística. Os temas recorrentes do cânone de autoria masculina nos países africanos de língua portuguesa registram um território identitário em que as guerras por libertação ideológica, política e cultural foram conquistadas culturalmente pelos homens.

Tem gente que diz que a mulher é subordinada ao homem porque isso faz parte da nossa cultura. Mas a cultura está sempre em transformação. Tenho duas sobrinhas gêmeas e lindas de quinze anos. Se tivessem nascido há cem anos, teriam sido assassinadas: há cem anos, a cultura Igbo considerava o nascimento de gêmeos como um mau presságio. Hoje essa prática é impensável para nós. (ADICHIE, 2015, p. 47)

Na citação acima Chimamanda Adichie, a escritora nigeriana, chama a atenção para a forma como a questão cultural deve ser repensada, excluindo a possibilidade de uma já esgotada discussão essencialista sobre os sexos. A palavra “transformação” utilizada pela escritora nos conforta e justifica a escrita independente de mulheres africanas frente aos sistemas culturais conservadores. Pensar a cultura de um país por meio de manifestações artísticas independentes é uma forma de lutar contra estereótipos construídos sob uma perspectiva machista, eurocentrada e ocidental. Com certeza, o uso de “nós” é uma forma de contar para mundo que se pode falar das nações sob a episteme da humanidade, princípio ideológico que extrapola qualquer possibilidade de marginalização de raça, classe e gênero.

## DEUSA D’ ÁFRICA: UMA POESIA CONSTRUÍDA NAS ENTRANHAS MOÇAMBICANAS

Dércia Sara Feliciano Tinguise nasceu em Xai-Xai, província de Gaza, aos 05 de Julho de 1988, em Moçambique,<sup>3</sup> é mestre em Contabilidade e Auditoria e, atualmente, é professora na Universidade Pedagógica e na Universidade Politécnica, em Moçambique. É Coordenadora Geral da Associação Cultural Xitende, é palestrante, ativista cultural, promotora do direito à leitura e mentora do projeto Círculo de leitores. É colunista do *Jornal Correio da Palavra*, da revista portuguesa *InComunidade* e do *Jornal Literário Pirâmide*.

É autora das obras *A Voz das Minhas Entranhas* (poesia), editado pelo Fundac em 2014; *Equidade no Reino Celestial* (romance) e *Ao Encontro da Vida ou da Morte* (poesia), pela Editora das Letras de Angola em 2016. Coordenou as antologias: *Vozes do Hiterland* (Editora de Letras de Angola, 2016); *Galiza – Moçambique: Numa Linguagem e Numa Sinfonia* (Galicia e Xitende, 2016); *Fique em Casa, Amor!* (Oleba Editores, 2020); *19 Cartas para Covid19* (Oleba Editores, 2020). Participou das antologias: *Colectânea Veríssimos*, editada em 2012 por Alpas XXI; *Mil Poemas para Gonçalves Dias*, em 2013; *Caravelas em Viagem*, em 2016, pela Academia de Letras e Artes Luso – Suíça; *Seis em ponto, contos e outros escritos VI*, traduzido em inglês “Six on the dot, short stories and other writings VI (Festival literário de Macau, 2017); *Rio das Pérolas* (Macau, 2020).

Ainda muito jovem, podemos constatar que Deusa é uma mulher que faz da arte suas asas para voar além do oceano Índico, tornando-se uma árvore fecunda de muitos saberes transformados em palavra poética. Sua

produção sempre mostra um discurso político feminista afro-moçambicano. Este feminismo afro-moçambicano se consolida estética e ideologicamente na escrita literária de autoria feminina a partir do momento que encontramos pontos de intersecção nas vozes das escritoras moçambicanas, as quais sempre exploram temas comuns, como: relações de poder, relações de gênero, sororidade, erotismo, maternidade, casamento, poligamia, crítica social, resistência, racismo, mulherismo, negritude, ecofeminismo, religiosidades, condição feminina, aborto, sexualidades, ancestralidade, crenças tradicionais, orientalismo, violência, humanitarismo, entre tantos que fazem girar esta ciranda de muitas mulheres conscientes do ofício de escrever para o mundo:

Uma literatura equilibrada se desenha com a pluralidade de vozes dos seus escritores. A voz das mulheres não morreu, mesmo esmagada pelo peso das tradições, que encerram os seus doces acordes na solidão das cozinhas. Nem sucumbiu perante a tirania do patriarcado e das suas religiões fanáticas. Ela sobreviveu e se foi afirmando, com escritoras irreverentes, que quebraram o mito ao longo das gerações: foram elas a Clotilde Silva, Noémia de Sousa, Lilia Momplé, Lina Magaia. Novas mulheres foram escrevendo, publicando, como gotas de água no oceano imenso. O número de escritoras vai crescendo gradualmente, com mais pujança, provando ao mundo que a literatura feita por mulheres é uma linha contínua, essencial, não pode morrer, e nunca se deve calar. Deusa d'África, escuta bem: nós mulheres escritoras, somos ainda uma gota de água, no oceano imenso, mas diz o adágio popular: gota de água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. Um dia seremos muitas e também seremos maiores. Não desanime, avança. (CHIZIANE, 2014, p. 11)

Nesse prefácio ao livro de poemas *A voz das minhas entranhas* (2014), Paulina Chiziane, além de apresentar a importância do nascimento de uma escritora, também deixa o registro da transgressão das mulheres que resistiram a tantas proibições patriarcais no que tange à existência de escritoras cúmplices no propósito de lutar contra uma dominação masculina seletista e machista. Também se percebe a necessidade de fortalecimento de um mulherio de escritoras aptas a pensar a nação a partir do feminino e do feminismo. Então mais uma vez defendemos a ideia da existência de um feminismo afro-moçambicano, o qual podemos designar como um movimento político e feminista, corporificado pelas ideologias do movimento da moçambicanidade, liderado por mulheres moçambicanas ativistas e militantes, as quais veem nas artes e na literatura um caminho para pensar a nação moçambicana como um território africano em que as discussões sobre raça, classe e gênero precisam ser revisadas em prol de um humanitarismo coletivo.

“Hoje apetece-me”, “Lágrimas de açúcar” e “A voz das minhas entranhas”, poemas que fazem parte da coletânea *A voz das minhas entranhas* (2014), serão aqui analisados para que observemos onde está presente o feminismo afro-moçambicano na poesia da escritora Deusa D'África, uma

escritora que, inegavelmente, faz parte desse movimento feminista reivindicador do registro poético do discurso de uma mulher negra empoderada pela palavra literária:

**Hoje apetece-me**

Hoje apetece-me  
Pintar os teus lábios,  
Com a tinta da minha boca,  
E este pincel nela mergulhado  
até ela ficar oca.

Hoje apetece-me  
Soletrar em surdina  
Tudo o que querias ouvir  
Como o sopro que deu a vida a Adão  
E ulteriormente tornar-me  
Tuas vestes  
Desse corpo despido  
Pelo meu desejo  
E os deuses dando-me um ensejo  
De alcançar a carreira de estilista  
Só para te vestir  
Com a tua nudez que almejo.

Hoje apetece-me  
Fazer sem cunhas  
Mas sim, usando minhas unhas  
na textura da tua tez.

Hoje apetece-me  
Fumar as tuas mágoas  
E aliviar os pulmões  
Com um charuto.

Hoje apetece-me  
Ao altar, levar-te,  
E casar-te  
Só e só por hoje,  
Ter a lua-de-mel,  
E esquecer a acerbidade  
Desse coração fel  
Na escolha de homem, cheio de sumptuosidade.

Hoje apetece-me  
Nas tuas entranhas, arquejar  
Nelas manejar  
Mergulhar no mar da incerteza, só para te ter.  
(D'AFRICA, 2014, p. 14-15)

No poema acima, o eu poético, declaradamente feminino, se metaforiza por meio das transitividades do verbo apetece, o qual está intimamente ligado ao desejo entre o corpo masculino e o feminino, como em uma dança de acasalamento em que a libido se consome com a consolidação do

ato sexual. Um erotismo já explorado na literatura de autoria feminina em Moçambique. Vale ressaltar que a primeira escritora a fazer poemas eróticos em Moçambique foi Sónia Sultuane, a qual também não dispensa as sinestésias do prazer em seus versos. O batimento do xitende perpassa todo o poema por meio da repetição do refrão “Hoje apetece-me”.

Na primeira estrofe a boca é o território em que o prazer se manifesta e se esgota. Um outro dado é a percepção de uma boca pintada pela tinta dos lábios, o que confirma a representação de um beijo intenso e despudorado.

Na segunda estrofe, mais uma vez, o refrão retoma o ritmo xitendiano e os corpos voltam à dança erótica do desejo sob o comando de outras sensações: a audição se constrói atrelada ao sopro de Adão, uma crítica direta ao machismo bíblico propagado pela figura do colonizador português; os deuses, com letra minúscula, mapeiam o politeísmo advindo das crenças tradicionais, as quais possibilitam um entendimento pagão de um corpo que se erotiza pela nudez desejada pela voz feminina que comanda o movimento uterino dos versos; a carreira de estilista marca um biograma da voz poética, um entre lugar com a autoria, a qual, sob a ordem dos deuses, deseja vestir a nudez especulada. Os corpos neste poema ensaiam uma proximidade mais íntima, já provocada pelo beijo. Interessante notar que o comando das ações eróticas se faz pelo lado feminino, o que sugere um empoderamento do mesmo em relação ao outro corpo. A notoriedade deste aspecto é oportuna porque marca uma crítica direta à dominação masculina patriarcal de Moçambique.

Na terceira e quarta estrofes, as sinestésias corporais vão assumindo dimensões mais erógenas: as unhas arranham a sensibilidade epidérmica do corpo e encadeiam o duplo sentido expresso pelo ato de fumar um charuto. O charuto é o primeiro objeto fálico presente no poema em que a boca toca. Fumar as mágoas é uma bela metáfora para a representação da sucção do que vem de dentro.

A quinta estrofe traz um tema muito caro ao feminismo afro-moçambicano: o casamento. Há nessa estrofe a representação das inversões de valores como crítica ao machismo de uma tradição ocidental presente em Moçambique via colonização: o homem é que pede a mulher em casamento e a leva ao altar. Contrariando e atacando a colonização de gênero, a voz poética inverte a ordem das relações convencionais de poder, colocando o sexo antes do casamento e fazendo do feminino o condutor das práticas masculinas matrimoniais: a mulher deseja, consome e escolhe o homem. Uma crítica envenenada contra o machismo oportunista moçambicano.

Na sexta estrofe, a voz poética retoma o refrão para fazer do verbo apetece uma palavra de protesto em favor das incertezas, as quais se enumeram nas ações de arquejar, manejar, mergulhar e ter. O mar surge como metáfora para o esconderijo dos segredos do feminino. Logo podemos tomar consciência de que o feminismo afro-moçambicano se manifesta neste poema por meio do erotismo, das relações de gênero, do empodera-

mento do feminino, da crítica social aos colonialismos matrimoniais, das introspecções íntimas lançadas ao coletivo, das metáforas corporais e das sinestésias libidinais.

### **Lágrimas de Açúcar**

Malditos Crocodilos

Que atacam outros crocodilos, irmãos!  
quando tentam fugir do rio, sem deixar rastos.

Malditos que se vestem de paz  
e decoram sua casa de guerra  
exalando as lágrimas de açúcar  
ao atacar suas presas indefesas.

Malditos irmãos  
Devoradores do presente  
E, empreiteiros de um passado  
Edificado na margem de um rio  
Devorador de suas espécies  
(D'AFRICA, 2014, p. 24)

O poema acima revela uma crítica ao entendimento de fraternidade, um tema muito caro aos movimentos de libertação que se agregaram à ideia de moçambicanidade e reconhecimento de uma identidade moçambicana tão maculada pela guerra de libertação e pela guerra civil em Moçambique.

Na primeira estrofe, a voz poética se apropria da metonímia do crocodilo para desenvolver uma crítica indireta aos moçambicanos que traem a fraternidade africana por se corromper pela ambição selvagem do capitalismo deixado pelo colonizador. A guerra civil moçambicana muito foi tema de textos de autoria feminina. Podemos mencionar a importância e a emergência de se estudar a ficção curta de Lina Magaia, escritora que militou muito contra os bandidos da RENAMO, os quais, de modo carrasco e selvagem, roubaram, mataram e desmoralizaram famílias moçambicanas que viviam da agricultura e da pecuária em suas machambas. Estes são crocodilos traiçoeiros que matam pela ambição e pela corrupção da fraternidade tão defendida e conquistada com sangue derramado na guerra de libertação.

Na segunda estrofe, o adjetivo maldito tem toda uma conotação pejorativa porque traz ao poema a representação das famílias oprimidas pela dor da guerra. As lágrimas de açúcar metaforizam o pesar, a dor e o fluxo de muito sofrimento. As presas indefesas sempre são mulheres jovens violadas em sua maternidade, muitas vezes obrigadas a matar seus filhos ou a se matar para não os ver morrer, meninas que são estupradas na frente de seus pais e de toda a sua família. Os crocodilos e os malditos são os matsanga, nome vulgarmente utilizado para designar os soldados da RENAMO, como dicionariza Hildizina Norberto Dias (2002, p. 156).

Na terceira estrofe, a voz poética sugere uma ambiguidade estratégica pela licença poética no que diz respeito aos crocodilos, os quais, nos primeiros versos desta estrofe, são ironicamente chamados de irmãos por uma questão biológica, mas também são devoradores do presente e

empreiteiros do passado. Vale salientar que os crocodilos habitam os rios moçambicanos e sempre se alimentam de pessoas que desafiam os mistérios e as forças das águas.

Neste poema o feminismo afro-moçambicano aparece por meio da crítica social feita aos moçambicanos traidores e bandidos, os quais, sob o totem de crocodilo, matam sorrateiramente seus irmãos da mesma raça em defesa de uma causa política desumana, selvagem e capitalista. Mencionar a ausência da fraternidade moçambicana é também provocar o exercício da mesma, minimizando a dor de existir em um território ainda minado pelo ranço colonial.

### **A Voz das Minhas Entranhas**

Gritam o sim e o não  
As vezes o yes and no  
Sem hora nem espaço  
Sem critério nem consideração  
Do que as vezes faço

Um idioma ainda não descoberto  
Uma guerra ainda não vencida  
Uma guerra entre corpo e alma  
Ressuscitando Tchakas em mim  
Que expulsam Nduandes das minhas entranhas  
E vingam-se da morte de Dinguiswayo.

Não tem nenhuma cor  
Mas resplandece como a dor  
Segmentando este território  
Por subculturas  
Pelas quais, nenhuma bandeira se iça  
No espelho da minha alma  
Para extinguir a sofreguidão  
Neste solo cujo sangue alimentara terras.

Há em mim uma terra mais agressiva  
Violentando outra por vezes  
Mesmo a outra sendo mansa em meses  
Determinados, que ela deriva.  
Uma é verdadeira  
E a outra é hipócrita  
Mas vence quem é mais forte  
E sobrevive da guerra da morte.  
(D'AFRICA, 2014, p. 65-66)

Neste poema que intitula a coletânea, a Deusa D' África registra boa parte de seu projeto poético. A voz que se enuncia no poema expressa a oralidade advinda das entranhas. As entranhas representam a terra, o que está no interior do ventre, esta é a voz que faz ecoar a Deusa. O intimismo introspectivo é um lugar-comum na produção literária de autoria feminina, a voz que vem de dentro, é como se fosse um contrato de sororidade universal.

Todas as mulheres escritoras subjetivam por meio da linguagem literária várias possibilidades de introspecções.

Na primeira estrofe, o grito dá a entonação da voz que se apresenta no poema, um grito de resistência a critérios de sim e de não, como se houvesse um critério do pode e não pode. O verbo “fazer” em primeira pessoa alinha o tom intimista do poema. A segunda estrofe se volta para uma memória histórica de guerra ainda não resolvida, como se o passado e o presente duelassem, com as espadas da sabedoria, a conquista do futuro. O tchakas, povos liderados por um império sul-africano, atormentam a voz intimidada pelo silenciamento da palavra. A terceira estrofe vem lavada pelo sangue de um território minado por guerras ainda por vencer. Uma guerra que vem da consciência introspectiva da voz poética, que se mostra insatisfeita pelos dilemas de existir em uma sociedade que se mutila e se fratura pelas questões de raça, classe e gênero.

Na quarta estrofe se consolida uma voz poética metamorfoseada em terra agressiva, a qual trava um infinito duelo entre a hipocrisia e a verdade. Neste poema se torna visível um feminismo afro-moçambicano inquiridor e que faz constar uma ancestralidade maculada pelos fantasmas de um império ainda presente na mascarada república moderna. A palavra poética se eleva como uma bandeira que melhor representa uma nação embrionária no sentido identitário de moçambicanidade. A voz que vem das entranhas lança ao mundo um grito de independência estética e ideológica na tentativa de propor uma vitória para o humanitarismo coletivo tão caro a todos os feminismos que sororizam em favor da paz no mundo.

## ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Deusa D'África é uma escritora que precisa ser muito estudada. A poesia feminista afro-moçambicana possui muitos aspectos estéticos e ideológicos carentes de uma exploração crítica mais atenta. Mas, podemos afirmar que o livro *A voz das minhas entranhas* (2014) é um tratado feminista afro-moçambicano no sentido permitir um novo olhar para a produção literária de autoria feminina em Moçambique em suas mais plurais manifestações do feminino por meio da linguagem literária.

Os poemas de Deusa problematizam muitas questões caras ao universo feminino moçambicano e mostram uma nação que deve ser entendida e estudada por suas tantas diversidades e particularidades culturais. Para além disso, os princípios de maternidade, fraternidade, territorialidade, patriotismo e humanidade devem ser ordens de pensamento que orientem o mundo a perceber que a literatura é uma arte que possibilita o exercício da maturidade, da leitura e do respeito.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 13. ed. Judith Butler; tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017

ADICHIE, Chimamanda. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

CHIZIANE, Paulina. *Eu, mulher...* Por uma nova visão do mundo. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

\_\_\_\_\_. *Prefácio*. In: D'ÁFRICA, Deusa. *A voz das minhas entranhas*. Maputo: Ciedima, 2014.

D'ÁFRICA, Deusa. *A voz das minhas entranhas*. Maputo: Ciedima, 2014.

DIAS, Hildizina Norberto. *Minidicionário de Moçambicanismos*. Maputo> Furtado e Godinho, 2002.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

NGOENHA, Severino Elias. *Identidade moçambicana: já e ainda não*. In: SERRA, Carlos (org). *Identidade, moçambicanidade, moçambicanização*. Maputo: Ed. Universitária, 1998.p. 17-34.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte, MG: Editora Letramento, 2017.

*Recebido para avaliação em 15/10/20*  
*Aprovado para publicação em 20/10/20*

## NOTAS

1 Professor de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras do CCAE-UFPB e do PPGL-UFPB. Líder do Grupo de Pesquisa MOZA (Moçambique e Africanidades), cadastrado no CNPq e certificado pela UFPB.

2 Arco musical bastante conhecido no sul do país e algumas zonas do centro, cuja caixa de ressonância é uma massala.. (DIAS, 2002, p.240)

3 As informações biográficas foram disponibilizadas pela própria escritora.